



PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

N.º 107 — LISBOA, 10 DE FEVEREIRO

3.^o
ANO
1905

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

NUMERO ESPECIAL 100 REIS

Redacção e administração — **Rua dos Mouros, 87, 1.º**

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$500 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$500 rs.
Cobrança pelo correio..... 100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — **CANDIDO CHAVES**

IMPRESSÃO

Typ. da Rua Ivens, 45

GRAVURAS

Officina de Thomaz Bordallo Pinheiro (a Santo Amaro)

VINTE ANNOS DEPOIS

Vinte annos depois

(1879-1903)

A estampa reproduzida n'esta pagina, do n.º 22 da «Parodia», foi feita ha tres annos, em seguida ao banquete offerecido a Raphael Bordallo Pinheiro, na sala do theatro de D. Maria II (6 de junho de 1903).

Essa festa marcou na existencia do grande artista o seu maximo momento de gloria. Foi depois d'ella que Raphael Bordallo Pinheiro, talvez com melancolia mas ao mesmo tempo com o espirito que não o abandonou nunca, fez encontrar os dois personagens da estampa, como dois desconhecidos que se cruzam na rua e param para pedir lume.

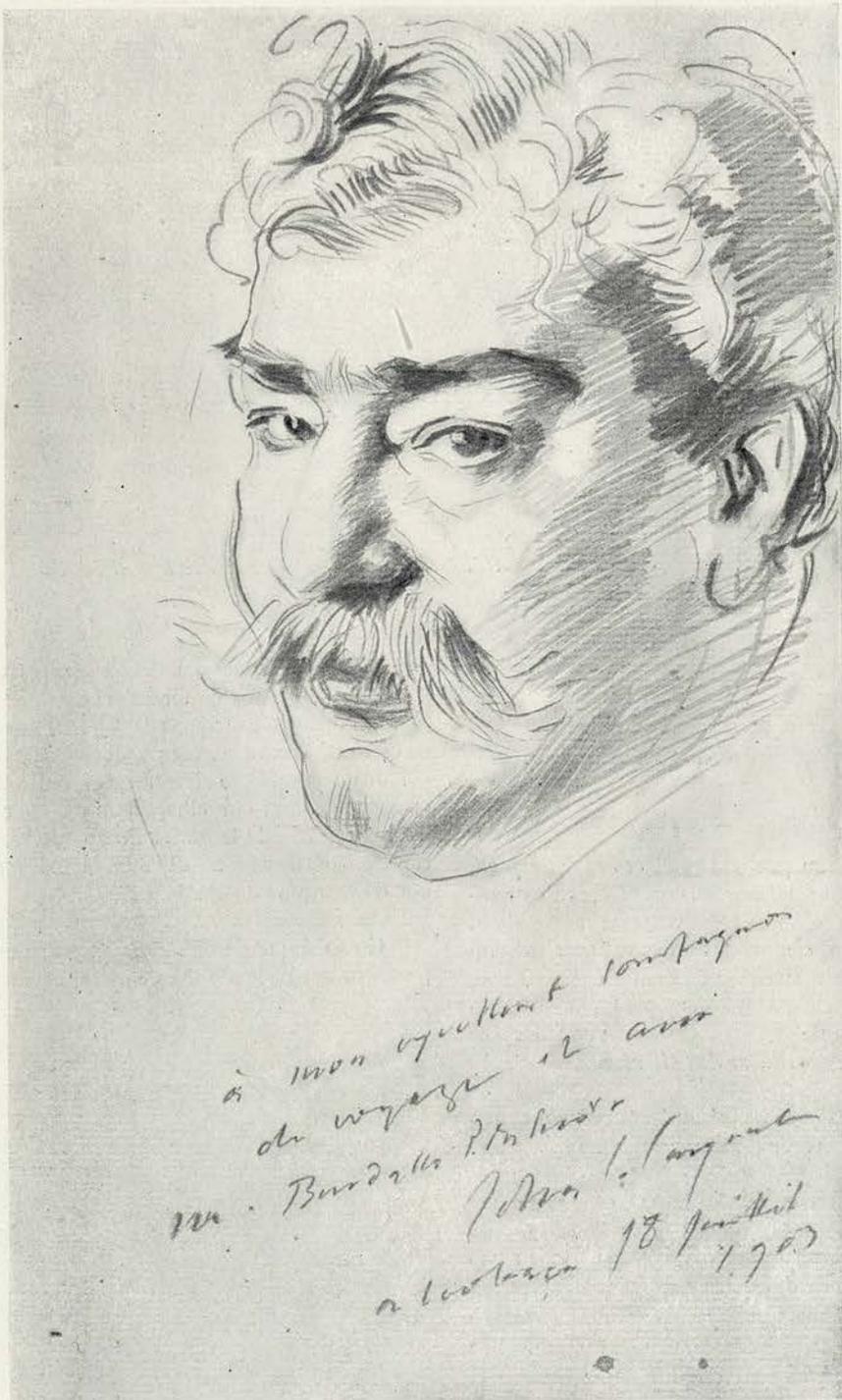
Lume! Fogo! Mocidade!

De todos os desenhos pessoaes de Raphael Bordallo Pinheiro este é o mais pessoal. Do mesmo passo é, como obra de caricatura de um grande caricaturista, excepcionalmente documental, porque é elle mesmo, em duas distinctas epochas da vida, caricaturado por elle mesmo.

Por isso o registamos n'este numero especial, feito depois da sua morte, em sua homenagem.



... Faz favor, empresta-me o seu lume?



«Croquis» feito em Alcobaça pelo celebre pintor inglês John Sargent.



(1879) «Antonio Maria»

Os retratos

de

Raphael Bordallo Pinheiro

Carta a seu filho Manuel Gustavo

Meu Caro Amigo

Os retratos de seu pae, cuja collecção lhe devolvo, levam consigo o meu saudoso pensamento para os tempos longinquos que elles successivamente assignalam. N'esse longo periodo, compreendendo toda uma existencia d'homem, desde a sua mocidade até á sua velhice, intervem o espaço d'alguns annos em que fui intimo companheiro no trabalho de seu pae e seu unico collaborador no *Antonio Maria* e no *Album das Glorias*.

As minhas predominantes recordações d'essa convivencia poderei talvez resumil-as em breves linhas.

Eramos, perante as sugestões do meio social em que viviamos, duas naturezas diametralmente diversas. Elle era uma bella flôr de talento desabrochada na sollicitação e no aplauso dos clubs, dos cafés e dos palcos, como um lirio deslumbrante d'alvura sobre uma confusa escuridão de monturo. Eu era, para todos esses variados contactos do mundo jornalístico de Lisboa, aquillo que ainda hoje sou, — um ouriço cacheiro.

De sorte que, quando uma vez por semana, na antevespera da publicação do nosso periodico, nos reuniamos nesse mesmo gabinete de trabalho onde ha poucos dias fui ajoelhar-me consternado perante o que restava na terra do meu antigo e jovial companheiro, nada mais divergente, nada mais antinomico do que o criterio em que cada um

de nós baseára a sua opinião a respeito do acontecimento sobre que tinhamos de formular, no praso d'algumas horas, um comentario concorde e homogeneo de desenho e de escripta. Figura-se, ver por cima da estonteante profundidade de um abismo alpestre, o encontro de duas cabras, chavelhos contra chavelhos, num passadiço sem guardas, de meio palmo de largura? Pois assim era, assim foi, durante annos, o encontro das duas opiniões, a do desenhista e a do escriptor do *Antonio Maria*.

Como é que de taes elementos incombinaveis resultava, em determinado dia de cada semana, uma cohesão



(1880) «Antonio Maria»

esthetica e uma assás estavel combinação d'arte? Por um verdadeiro milagre, operado pela maior e pela mais cons-

tructiva das forças de que dispunha seu pae, — a força da bondade.

Da nossa convivencia não sei se alguma cousa elle aprendeu comigo. Desejo dizer lhe apenas o que eu aprendi com elle.

De por muito tempo o ter visto desenhar tirei a mais clara noção do que é escrever.

A arte de escrever — n'elle o aprendi — basêa-se na faculdade de expor o assumpto (uma idea, um principio, um fact) por tantos aspectos diferentes quantos aquelles por que elle pode ser considerado. Adquirida essa faculdade, que só uma vasta cultura intellectual desdobra e amplia, a technica do escriptor d'arte, a sua poetica, a sua rhetorica, a sua sciencia de stylo, resume-se unicamente em seleccionar. O seu lavôr consiste em determinar, lucida e nitidamente, por meio de todos os processos de que é susceptivel a modelação d'este barro que se chama a palavra — pelo corte do periodo, pelo rythmo da frase, pela propriedade do nome, pela accepção do verbo, pela rigorosa exactidão do qualificativo — de entre todos os innumeraveis pontos de vista em que pôde ser considerada a coisa escrita aquelle em que nenhum outro escriptor a considerara ainda. Só a isto se chama na arte crear, só a isto se chama em litteratura escrever. Tudo mais é copiar, é redizer, é chafurdar de matula na sordida pia commum das idéas feitas e das palavras gastas.

Eis aqui como seu pae procedia desenhando, para dar aos que escrevem a lição a que me refiro: Por um dom especialissimo, inteiramente pessoal, bastava-lhe fitar por espaço d'alguns segundos uma physionomia humana para que, instantaneamente desenhada pelo olhar, ella lhe ficasse para sempre registada n'um escaninho do cerebro, por effeito da mais pronta receptividade e da mais prodigiosa retentiva visual que jamais conheci. Assim, mentalmente concebido, o retrato era na sua memoria uma especie de aquisição fetal, um embrião indestructivel, *um ser*, que, á primeira evocação da sua vontade, elle dava á luz, pelo bico de um lapis ou de uma penna, para cima de um papel. A creatura ia apparecendo ao acaso da nascença, de cabeça, de pés, de frente, de dorso ou de ilharga. E a cara de determinado homem, reduzida á imagem linear, era sob os dedos de seu pae uma coisa de que elle dispunha segundo o seu mais caprichoso arbitrio. Desde que se apoderava do seu homem constancia-o a tudo: engordava-o ou emagrecia-o, obrigava-o a chorar ou a rir, enobrecia-o ou apelintrava-o, tornava-o moço ou velho, apumava-o, alcachinava-o, insufflava-lhe um ardor mavorcio ou incutia-lhe um medo infantil; e sem nunca o dessoldar dos seus essenciaes elementos anatomicos, deixando-o sempre identico a si mesmo. pessoal e inconfundivel, fazia d'elle um genio, um heroe, um imbecil ou um pulha.

Ora acho eu que assim como seu pae desenhava é que a gente deveria escrever, dominando tão absolutamente a palavra como elle risonhamente dominava a linha. Bem sei que para isto seria preciso que em nós outros

egualmente concorressem dois essenciaes predicados — o talento e a alegria. Talento, de todos os escriptores portuguezes mais ou menos vezes se tem dito que teem muito, e não serei eu que indelicadamente desdiga os collegas que nos querem fazer esse favor. Será talvez a alegria que nos falta. O talento, sósinho, na sêca tesura da sua pompa, convem desenganarmo-nos de que massa mais ou menos insuportavelmente os povos, acabando por desgostal-os da fructa da intelligencia. Quem trata intima e assiduamente com o publico deveria convencer-se de que lhe é indispensavel ser alegre escrevendo, como seu pae era alegre desenhando. A alegria não é já, como o talento, um mimo do ceu ou um favor da critica. A alegria é a florescencia no trato de um estado d'alma a que facilmente chega todo aquelle que não fôr incuravelmente dispeptico ou hepatico, por meio de um bem ponderado regimen de trabalho e de abnegação, pelo cultivado amor das coisas bellas da natureza e da arte, pelo doce desprezo de quanto é falso, convencional ou estúpido, e, finalmente, pela incondicional indulgencia — mais justa que toda a justiça humana — por todos os erros e por todos os peccados dos outros.

Um artista pode, impunemente para o exito e para o brilho da sua obra, ter todos os defeitos que os moralistas quizerem, pode até chegar ao condemnavel extremo de ser mau cidadão, mau funcionario, pessimo politico e execravel financeiro; mas é indispensavel que, até final, elle seja sempre, em toda a sua vida, aquillo que todos esses retratos de seu pae representam: — um bom rapaz.

Seu velho confrade e amigo

Manuel Ortega



(1881) «Antonio Maria»



(1865)
Aos 18 annos



(1862)
Aos 15 annos



(1866)
Aos 20 annos



(1888)
Aos 42 annos



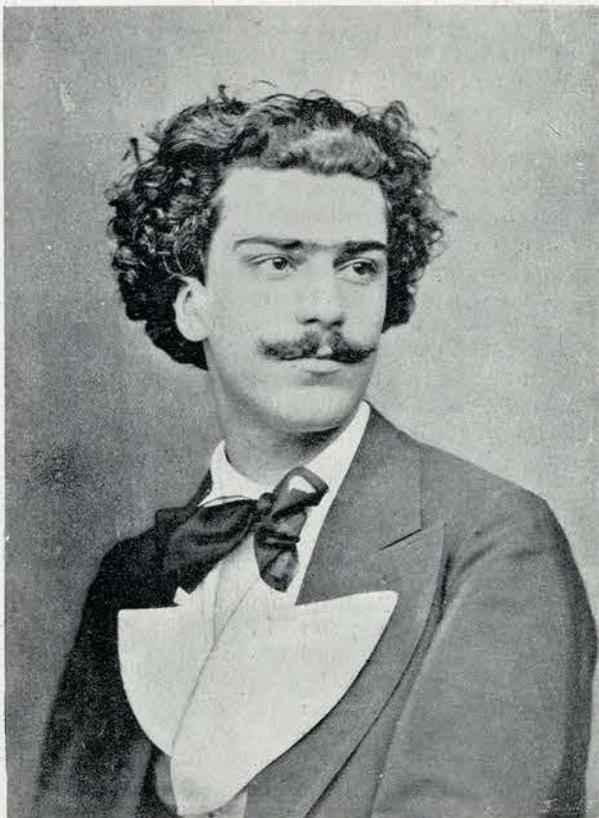
(1876)
Aos 30 annos



(1893)
Aos 47 annos



(1864)
Aos 18 annos



Phot. Loureiro

(1871)
AOS 25 ANNOS



(1868)
Aos 22 annos



(1874)
Aos 28 annos



Phot. Arnaldo Fonseca

(1904)
AOS 58 ANNOS



(1881)
Aos 35 annos



(1869)
Aos 23 annos



(1875)
Aos 29 annos



(1872)
Aos 26 annos



(1879)
Aos 33 annos

Raphael Borallo Pinheiro

e

duas epochas

*Se houve um artista q' tivesse o physico do seu "mè-
tier", esse artista foi Raphael Borallo Pinheiro.*

*Em poucos concorreu ao n'elle ao mesmo tempo o
prestigio da sua arte e o preço da sua pessoa.*

*As photographias d'esta gina, recolhidas nos seus al-
buns de familia, são a historia da sua tão bella imagem:
através a sua vida.*

1862-1872

1874-1904

Do ANTONIO MARIA

á PARODIA

(Depoimento)

Entre mim e Raphael Bordallo Pinheiro havia uma differença de idades que me distanciava d'elle vinte annos, o que fez com que a minha collaboração com elle n'este jornal estivesse bem longe de ser, nas suas relações de contacto pessoal, o que foi a de Ramalho ou a de Guilherme d'Azevedo, que se associaram a elle por uma juventude igual, senão por um igual temperamento — e dois homens novos, por muito que discordem, tem sempre um traço commum, que é a mocidade.

Ramalho Ortigão e Guilherme d'Azevedo vieram colaborar na formação de uma individualidade. Eu vim encontrar uma individualidade feita. Quando, ha cinco annos, Raphael Bordallo Pinheiro me lembrou pela primeira vez a *Parodia*, o que eu vi foi o *Antonio Maria*. Quando a *Parodia* começou a publicar-se, quem me appareceu a desenhá-la não foi um novo artista em busca do exito, mas a velha gloria nacional que eu, ainda rapazote, vira passar nas ruas de Lisboa, de monoculo no olho e uma *badine* na mão, bello homem e já homem celebre, com o prestigio da elegancia, da bravura e do talento.

Assim, entre mim e elle levantou-se sempre, como uma barreira feita de sympathias supersticiosas — o seu



(1900) — Exposição de Paris



(1902) — «Parodia»

passado. O meu pensamento, ao associar-me aos seus novos interesses intellectuaes, foi dissimular-me. Eu não vinha accrescentar qualquer brilho novo ao fulgor da sua personalidade. O unico serviço que me parecia util prestar-lhe seria o de dar ao seu publico a illusão de que elle continuava desempenhando o seu velho papel de caricaturista, nas mesmas illustres companhias de outr'ora, e esse serviço lhe teria prestado se fosse facil falsificar o genio alheio como se falsificam assignaturas. Mas se o caricaturista da *Parodia* era ainda, a meus olhos, o antigo caricaturista do *Antonio Maria*, os tempos eram outros.

O systema liberal, os principios, os partidos, a mesma sociedade e os mesmos costumes tinham perdido a bonhomia, que é um convite á caricatura. O Estado não era já o *cache-nez* do duque d'Avila, o povo não era já o *Zé Povinho*, o mesmo poder moderador não tocava já violoncello. A cidade engrandecia-se; calavam-se alguns pregões monotonos e levantavam-se algumas vozes irritadas; abriam-se ruas e abriam-se clubs. Não era talvez um mundo melhor, mas era um mundo differente.

Deante d'esse mundo differente nos encontramos elle e eu — elle disposto a continuar o seu velho caminho, eu disposto a pôr o pé onde elle puzesse o seu. A primeira vez que nos reunimos para levar a cabo este empreendimento, reconhecemos que o campo da nossa observação tinha sido completamente posto a saque. Começamos por verificar que nos faltava, no poder — Fontes, nos costumes o Passeio Publico, na poesia lyrica a *Judia*, na litteratura dramatica Mendes Leal e no parlamento a oratoria ardente de Manuel d'Assumpção. Faltava-nos tudo.

O que nos restava ?

O transeunte.

Raphael Bordallo Pinheiro observava que o *Antonio Maria* o fizera na rua. Sahimos então para a rua. Era domingo e a natureza estava em um d'esses dias de regosijo, em que parece que até no ceu é domingo. Raphael Bordallo, que recuperara a sua antiga personalidade, dera um geito cavalheiresco á lapella da sobrecasaca, armára

o monoculo no olho como um instrumento de guerra. Todo elle sorria com arrogancia, como um velho soldado que de novo entra em fogo. Quando entramos no Chiado uma multidão de chapheus altos descia da missa do Loreto. Raphael Bordallo Pinheiro penetrou no Chiado, eu segui-o, e não sei como elle estaria n'esse momento, mas com certeza estava um pouco pallido.

Se a celebridade não é uma recompensa é pelo menos um *coupe-file*. O homem celebre encontra sempre quem o deixe passar.

Raphael Bordallo Pinheiro não gosava d'esse privilegio. A elle, não o deixaram passar.

A sua gloria deteve-o. Mal o viu assomar, atravessou a rua com alarido, deu-lhe um grande abraço apparatuso, cobriu-o de interrogações affectuosas. A gloria já não o deixava e não o deixou. Enfiou-o pelo braço, levou-o docemente mas despoticamente pela rua abaixo, quiz acompanhá-lo n'aquelle bello dia de publicidade e elegancia, fez-lhe sequito até á Avenida, obrigou-o a tirar um

milhão de vezes o chapéu e a estender um milhão de vezes a mão, pediu-lhe a sua visita, instou com elle para jantar, offereceu-lhe um lugar no seu camarote, mostrou-o e mostrou se e só o largou á porta de casa, onde eu finalmente o recuperei, fatigado, moído, succumbido, vencido, vexado.

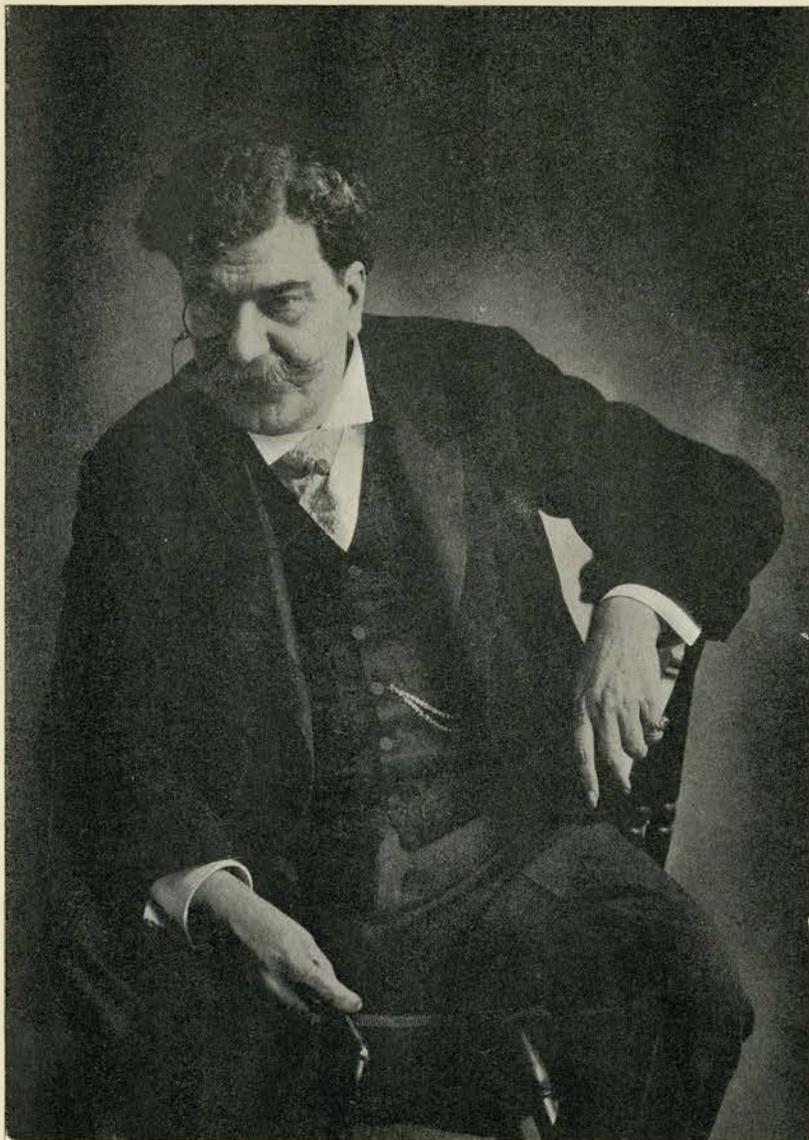
Ao começar a publicação da *Parodia*, sem o seu velho ambiente guerreiro, Raphael Bordallo Pinheiro reconhecia que o seu unico collaborador era a sua gloria, e esse foi na realidade o unico que o acompanhou nos ultimos annos da sua vida, segurando-lhe tantas vezes a mão, detendo-lhe tantas vezes o lapis...

João Chagas

O CERAMISTA



RAPHAEL BORDALLO, PINHEIRO no seu «atelier» da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha.



RAFAEL BORRALLO PINHEIRO.

ULTIMA PHOTOGRAPHIA
CLICHÉ DE ARNALDO FONSECA



NA FABRICA
(Desenho de Roque Gameiro)